

INOVAÇÃO PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA OS PROFESSORES NO SÉCULO XXI

Kátia Caroline Souza Ferreira ¹
Elsa Maria Bacala Estrela ²

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil, no período imperial, baseava-se no modelo prussiano de educação do século XVIII. Neste sistema de ensino, eram ensinados valores éticos e cívicos, organização, controle, normas, disciplina e ordem, de forma a controlar os jovens através da educação, que apenas copiavam e seguiam orientações e ensinamentos. Eram considerados meros objetos, pois apenas o professor detinha o poder do certo ou do errado.

Em escolas de mais de 50 (cinquenta) anos atrás pais, professores e os próprios sistemas de ensino, inseridos no contexto em que viviam, falavam a mesma linguagem, esperavam uma escola disciplinadora, com bastante conteúdo, com modelos pedagógicos voltados à ordem, alunos enfileirados, onde se cantavam diversos hinos, havia nota para ordem e organização pessoal. Para aquela época, esta escola tinha total coerência com o mundo vigente e nem pais, nem professores, nem mesmo alunos eram contrários a este modelo.

O que hoje ocorre é uma grande ruptura entre a escola e o mundo em que vivemos, pois nos deparamos com jovens que não se adaptam ao sistema curricular e disciplinar da maioria das escolas. O que nos parece é que a nossa geração não consegue ensinar para as gerações seguintes, sequer temos certeza curricular, pois nos parece irrelevante ensinar tudo o que a escola hoje ensina. É a partir desse modelo de educação, que iremos fazer uma reflexão sobre a escola que temos atualmente, ou seja, no século XXI.

O presente estudo discutirá a importância do desenvolvimento de competências necessárias aos professores diante das transformações do mundo atual, no âmbito de uma formação continuada situada no paradigma da inovação. Ao buscar discutir sobre a Formação Continuada de Professores como elemento essencial para a implantação de processos de inovação pedagógica em sala de aula, torna-se necessário pensar numa formação como espaço de reflexão e inovação, em novas metodologias de trabalho com os docentes, nas quais os professores passam a ser protagonistas de sua própria formação.

A pesquisa será realizada no âmbito do município de Porto Seguro, situado no Extremo Sul do Estado da Bahia, em escolas da rede pública municipal de ensino. A metodologia utilizada será a de natureza qualitativa. Utilizaremos a técnica de observação e a análise documental. Como resultados da pesquisa espera-se que possamos propor aos professores dos anos iniciais do ensino fundamental propostas pedagógicas inovadoras, de modo a desenvolver metodologias ativas para a melhoria da aprendizagem dos alunos.

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

¹ Doutoranda em Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa – PT, katiacaroline6@hotmail.com;

² PhD em Educação: Professora Auxiliar da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa – PT, elsaestrela@gmail.com.

São muitos os desafios com os quais a educação brasileira precisa lidar no século XXI. Junto a alunos proativos, nativos digitais, que estão sempre conectados, pensam rapidamente, têm consciência crítica, estão também atrelados a esses desafios diversas questões como o multiculturalismo, tecnologias da informação e da comunicação, a precarização do espaço escolar e da formação docente.

Tudo isso nos indica que precisamos de mudanças, de transformação. Assim, nos afirma Carbonell (2002),

A nova cidadania que é preciso formar exige, desde os primeiros anos da escolarização, outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa dos alunos no processo de aprendizagem. É preciso pensar a escola do presente-futuro e não do presente-passado, como fazem muitas pessoas que sentem tanto mais nostalgia do passado quanto maior é a magnitude da mudança a que se propõe. (CARBONELL, 2002, p. 16)

Não podemos permitir-nos olhar para a escola apoiada no passado, com suas meras e específicas funções de ensinar a ler, escrever e contar. Precisamos pensar a escola como formadora de conhecimentos, de atitudes, de valores do agora, do presente para o futuro. Não podemos viver de nostalgias.

Carbonell (2002) afirma que apesar de muitas escolas apresentarem uma carência absoluta de recursos, estrutura física inadequada, algo mudou. Mas essas mudanças foram pouco significativas, pouco se mudou em relação ao conteúdo, sobretudo nas práticas escolares tradicionais “centenárias”. As mudanças foram mais superficiais do que reais. Desse modo, “detectaram-se sintomas de modernidade, mas não de mudança. Assim, os artefatos tecnológicos cumprem função idêntica a dos livros de texto e limitam-se a ditar a mesma lição de sempre. Muda o formato e mais nada” (CARBONELL, 2002, p. 16).

Para que a escola consiga atender às demandas do século XXI, deve haver mudanças nas práticas educativas, que implica uma revisão dos conceitos de como ocorre o desenvolvimento cognitivo, ou seja, como ocorre a aprendizagem. Importante ressaltar a necessidade de revisões conceituais em relação a “possíveis impactos do uso intenso de tecnologias de informação no desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes” (BANNELL, *et al.*, 2016, p. 57).

Estes autores acreditam que significados e valores são adquiridos socialmente e que a apropriação desses significados é resultado da interação entre os seres humanos, havendo, portanto, uma divisão da cognição entre o cérebro, o corpo e o ambiente, ou seja, ela é distribuída entre todos esses componentes. Desse modo, a cognição não ocorre exclusivamente entre sujeito e objeto, mas também com a interação social e coletiva. Logo a interação com membros da comunidade nos faz entender a cognição,

como o resultado da coordenação das informações advindas das relações, no tempo, entre sujeito e objeto, mediadas pelos artefatos culturais, materiais e simbólicos, que são produzidos por dada comunidade, a partir de certas regras e certos modos de distribuição de tarefas, poderes e responsabilidades. (BANNELL, *et al.*, 2016, p. 63)

Para os autores (2016), esse pressuposto vem reforçar a tese de que “não há dúvida de que essas tecnologias ajudam as crianças a desenvolver outras habilidades e conhecimentos sensorio-motores necessários para utilizá-las e, portanto, para acessar o mundo” (BANNELL, *et al.*, 2016, p. 64). Assim, o uso de ferramentas tecnológicas, configuram-se como um meio para se desenvolver a cognição, são mediadores dos processos cognitivos, ou seja, as tecnologias são consideradas artefatos culturais que, “se tornam mediadores das relações humanas com o mundo e potencializam as capacidades cognitivas ao atuarem como ferramentas técnicas e psicológicas” (2016: p. 67), logo podemos “(...) trabalhar com a hipótese de que artefatos tecnológicos potencializam nossas capacidades cognitivas” (BANNELL, *et al.*, 2016, p. 67).

Desse modo, o grande desafio para os sistemas de ensino, sobretudo para professores que lidam diariamente com crianças e jovens proativos, que estão sempre conectados, que pensam rapidamente, é repensar o currículo escolar, dar sentido aos conteúdos que lhes são apresentados, fazer com que o aluno possa compreender o porquê de estarem na escola, auxiliar a transpor competências adquiridas com as tecnologias, por esses jovens, à sua aprendizagem. Para isso, a escola deverá trabalhar na busca do desenvolvimento de competências necessárias à vida, estimular habilidades sociais, como a cooperatividade e o trabalho em equipe, o desenvolvimento de virtudes como o caráter, respeito à diversidade, além do desenvolvimento da inteligência emocional.

PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Com a sociedade se transformando de maneira acelerada ao longo dos últimos anos, é inevitável que os sistemas educativos sintam esses reflexos, portanto, comunidades científicas e organizações têm se preocupado e empenhado esforços ao debater essas novas configurações e os novos papéis da comunidade escolar, sobretudo no que diz respeito à melhoria da formação de professores.

Considerando-se uma época de renovação, de ampliação de informações e conhecimentos e de inovações, os sistemas educativos se deparam com o desafio de enfrentar essas transformações. Nesse sentido, não basta apenas comprar computadores e equipamentos sofisticados. Inovar vai além de incluir tecnologias à educação, significa ter uma visão global da necessidade dos estudantes cuja geração é dominada pela tecnologia.

A inovação educativa está relacionada, em determinados contextos, à renovação pedagógica, à mudança e à melhoria, mas não significa uma simples modernização da escola. Segundo Carbonell (2002), se não houver uma modificação nas concepções de ensino e de aprendizagem, do pesamento, hábitos e atitudes dos professores, nenhuma reforma na escola com aparatos tecnológicos, novos computadores, dentre outros aspectos, configurará uma verdadeira inovação educativa.

De acordo com Mota e Scott (2014), as instituições educacionais têm papel fundamental para o desenvolvimento econômico baseado em ciência, tecnologia e inovação, indo além de suas funções específicas para promoverem inovação a partir do conhecimento. Assim, para os autores (2014), a inovação é “assumida como algo diretamente associado à possibilidade de um desenvolvimento econômico e social sustentável” (MOTA E SCOTT, 2014, p. 19). Logo, sustentabilidade tem a ver com a forma “como os seres humanos podem satisfazer suas necessidades sem comprometer as possibilidades das gerações futuras” (MOTA E SCOTT, 2014, p. 23).

Nesse sentido, é importante pensar numa formação que contemple as exigências do século XXI, para que haja a possibilidade de atender às necessidades sociocognitivas dos estudantes com competências muito diversas, provocadas pelas inovações dos novos tempos. Isso envolve propiciar ao professor momentos de formação, no intento desse profissional poder conduzir suas aulas e mediações com maior autonomia, atualização e dinamicidade exigidas pelo processo educacional, com vista às inovações tecnológicas e pedagógicas.

COMPETÊNCIAS DOCENTES PARA O SÉCULO XXI

Ao buscarmos compreender o processo de inovação nas escolas, parece fundamental considerar um aspecto imprescindível para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, a formação do profissional docente. Considerando essas inovações, o exercício da profissão docente exige reflexividade, tomada de consciência do que compõe a realidade profissional, identificar e compreender as dificuldades.

A formação de professores tem sido tema bastante debatido nos últimos anos, pois a educação enfrenta grandes desafios neste século, para o que é necessário a reflexão sobre as suas práticas e o aprimoramento do fazer pedagógico. Diante da necessidade do educador em estar constantemente repensando e aperfeiçoando a sua prática, a formação continuada passa a representar um papel central na atividade profissional.

Todavia, há uma grande preocupação com o grande número ofertado de formações de professores, que muitas vezes não possuem a qualidade necessária para que haja uma verdadeira mudança das práticas docentes. Desse modo, Imbernón (2010) nos chama a atenção, afirmando que

(...) há muita formação e pouca mudança. Talvez seja porque ainda predominam políticas e formadores que praticam com afinco e entusiasmo uma formação transmissora e uniforme, com predomínio de uma teoria descontextualizada, válida para todos sem diferenciação, distante dos problemas práticos e reais e fundamentada em um educador ideal que não existe (IMBERNÓN, 2010, p. 39).

Para o autor, os cursos de formação continuam sendo palco de reivindicações, pois, enquanto não houver mudanças trabalhistas significativas, com melhorias de salários, promoção da carreira, pode-se até tentar criar uma falsa identidade do professor, mas não conseguirá formar um profissional inovador.

Assim, afirma que a solução para este problema não é tão simples, pois, não é simplesmente “aproximar as formações dos professores e dos contextos, mas, sim, em potencializar uma nova cultura formadora, que gere novos processos na teoria e na prática da formação, introduzindo-nos em novas perspectivas e metodologias” (IMBERNÓN, 2010, p. 40).

Deve-se pensar uma formação para além de uma mera atualização profissional, pensar uma formação que ajude o docente a descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria (IMBERNÓN, 2010). Todavia, as mudanças ocorrentes na sociedade requerem aperfeiçoamento constante, o que tem exigido dos professores uma formação continuada, numa perspectiva voltada mais para a aprendizagem do professor do que o ensino dos mesmos (IMBERNÓN, 2010).

Philippe Perrenoud e Monica Gather Thurler, professores da Universidade de Genebra, no livro intitulado *As competências para ensinar no século XXI: A formação dos professores e o desafio da avaliação*, fazem uma reflexão a partir dos quatro pilares da Educação do Século XXI, “aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a conhecer”, contidos no relatório elaborado para a UNESCO, *Educação: um tesouro a descobrir*, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, e estabelecem uma relação direta com o perfil do professor apresentado na obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, de Edgar Morin. Segundo os autores (2002), esse professor deverá ser um professor que dialoga, aberto a erros, sobretudo aos seus próprios erros, que não tem certeza de seus conceitos, que questiona, que duvida de suas certezas, que não é dono do saber.

Segundo, Wunsch, Cruz, Blaszkowski e Cuch (2017), a Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos (NEA) descreve como competências básicas e necessárias ao professor e estudantes do século XXI, a colaboração, a comunicação, a criticidade e a criatividade, conhecidos como os 4 Cs (quatro C).

Importante salientar que a inclusão de aparatos tecnológicos nas escolas é necessária, mas, antes de mais nada, precisamos entender em que contexto a escola está inserida e em que contexto o professor vive, quais as suas especificidades. Diante disso, o professor deve assumir o seu protagonismo no desenvolvimento de projetos formativos e no processo de desenvolvimento da aprendizagem, deixando de ser um mero transmissor de conteúdos, para saber criar e inovar a partir de novos recursos digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da necessidade do educador estar constantemente repensando e aperfeiçoando sua prática docente, trouxemos nesse artigo uma discussão necessária ao cenário acadêmico e social a respeito do papel central que a formação continuada exerce na atividade profissional docente, como elemento essencial para a implementação de processos de inovação pedagógica nas escolas.

Considerando o que foi exposto, percebe-se que os sistemas de ensino devem elaborar seus planos de formação visando a qualificação da educação oferecida à sociedade, através de uma concepção de educação com foco nos saberes pedagógicos, relativos a inovações do currículo escolar, a novas metodologias de ensino, bem como a busca por novos referenciais teóricos, para a compreensão da prática docente. É nesse cenário que as políticas educacionais deverão voltar os seus olhares para a figura do/a professor/a e da sala de aula, focando as habilidades e competências. Nesse sentido, dentre outros, a formação de professores/as passa a ter uma grande importância para a realização das reformas educativas.

REFERÊNCIAS

BANNELL, Ralph I.; DUARTE, Rosália; CARVALHO, Cristina; PISCHETOLA, Magda; MARAFON, Giovanna e CAMPOS, Gilda H. B. de. **Educação no Século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC, 2016.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Trad. Juliana Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOTA, Ronaldo e SCOTT, David. **Educando para inovação e aprendizagem independente**. 1ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

PERRENOUD, Philippe e THURLER, Monica G. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Tradução Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WUNSCH, Luana P.; CRUZ, Melanie B. da.; BLASZKOWSKI, Daiane A. A. de M. e CUCH, Luiz R. **Comunicação, Colaboração, Criatividade e Criticidade: Os 4C e os Saberes Docentes da Educação Básica**. 2017. https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24758_13961.pdf. (Acessível em 4 de setembro de 2019).